REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 740

20 DE JULHO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

D. MANUEL BAPTISTA DA CUNHA — Novo Arcebispo de Braga

CHRONICA OCCIDENTAL

Semana de desastres.

Não bastava o horroroso choque de comboios na estação de Braço de Prata, que victimou um passageiro, ficando muitos outros feridos.

Não bastava.

Um crime estupido, de que foi victima uma infeliz creança de pouco mais de dezaseis annos, horrorisou Lisboa, um d'estes dias. A pobre pequenina, cahiu, quando de casa se dirigia para o trabalho, esvasiada em sangue. Uma navalha tinha-lhe atravessado o coração.

Era uma boa pequena, que, a costurar, ganhava meia duzia de vintens por dia, com que ajudava uma familia numerosa.

Ciumes d'um bruto a mataram. Vibrou-lhe a facada um homem cujo amor ella despresava, que lhe escrevia cartas copiadas do *Almanack dos Namorados*, um fadista, um idiota.

Nem ella o enganára, nem faltara ao que a si proprio devia, quando lhe disséra que o não queria para companheiro na vida.

Não ha sombra de grandeza n'aquelles ciumes de que nasceu um crime. Ha só o amor proprio d'um tolo conquistador offendido pela frieza d'uma mulher. Não ha coisa tão difficil como definir esse sentimento d'odio que nasce do amor e que se chama ciume. Amor proprio offendido não é sempre, por que póde nascer n'uma grande alma. Odio, filho do amor, como explical-o, se ninguem sabe definir o amor, se ninguem pode definir o odio?

O bruto foi preso e levado para o calaboiço. Por um triz não encontra lá João Chagas e os seus amigos, presos á sahida d'uma casa de pasto no Campo Grande, aonde tinham ido banquetear-se no dia anniversario da tomada da Bastilha.

Uns vivas á sahida, quando João Chagas e Alexandre Braga já estavam dentro d'uma carruagem, foram motivo para a policia, que em força se postara em frente da porta, começar a desancar os republicanos.

Diga-se a verdade: a censura á policia tem sido geral; os proprios jornaes monarchicos classificaram por forma pouco agradavel o proceder brutal e, segundo se diz, injustissimo, dos homens de terçado.

Entretanto a mesma cancella de ferro que se abre para os faquistas e as pretas bebadas, rangeu nos gonzos abrindo a enxovia a meia duzia de enthusiastas, que mal esperavam tal desfecho d'um jantar que a só a rethorica deveria alegrar á sobremesa.

João Chagas dirigiu aos jornaes uma carta contando toda a historia.

Foi uma tarde alegre e uma noite mal passada, ferido, n'um calaboiço immundo, onde habitam vermes.

Uma hora que seja, é coisa triste n'uma situação d'essas, embora se saiba que ella ha de ter um termo, que o caso ha de ser sem importancia.

Mas o que não soffreria Dreyfus, se é certo — o que alguns contestam — que na enxovia, onde o tinham na Ilha do Diabo, debaixo d'um calor, que era dos maiores tormentos, sem que lhe dissessem o motivo d'esse extraordinario rigor, d'esse requinte de crueldade, o puzeram um dia a ferros, por muitos dias lh'os conservaram?

De que animo heroico não teve esse homem que dispôr para resistir com vida a tantas mortificações que lhe haviam de despedaçar a alma e arruinar-lhe a saude do corpo?

Querem alguns provar a culpabilidade de Dreyfus, na sua resistencia á morte, porque não a procurou com as proprias mãos.

Raciocinio de quem não sabe como a esperança deve alentar a innocencia. Essa coragem não a teria talvez um refinado tratante, um baixissimo traidor. A prova melhor d'uma consciencia pura é essa coragem perante todas as humilhações, todas as calumnias, todas as dores, as maiores por que póde passar um homem.

A força d'alma com que resistiu a todas as torturas vão dar-lhe talvez o supremo prazer de, illibado publicamente, poder abraçar os filhos, morrer um dia sabendo que lhes deixa um nome que ninguem ousará dizer que foi manchado.

Ao novo julgamento a que vai proceder-se dar-se-ha principio nos primeiros dias do mez de agosto, provavelmente.

Que irá passar-se? Todos prevêem uma absolvição, mas quem sabe que novas surprezas nos esperam ainda? Nada pode ao certo dizer-se; mas um dos melhores prenuncios para Dreyfus está na reviravolta que vão executando muitos dos que foram seus mais encarniçados inimigos.

Debaixo d'um calor, que por vezes recordará a Dreyfus os tropicos d'onde veio, se procederá á leitura do enormissimo processo, ao interrogatorio do réo e das innumeras testemunhas, aos debates, á leitura da sentença. Quantos dias vai isso demorar?

Mas não haverá somnolencias possiveis, os olhos nem por um momento se fecharão cançados, não haverá leituras nem discursos arrastados. A lucta

é de grandes paixões; muitos interesses se debatem, muitos que são conhecidos, mas quantos não haverá occultos!

Entretanto é preciso desenvolver actividade. Se esse homem está innocente é necessario que quanto antes seja readmittido em todas as suas honras militares, que se lhe torne a dar a consideração que lhe roubaram a iniquidade, a falta de senso, a balôfa vaidade n'uma inteira certeza dos homens.

Sejam tão activos como o teem sido ultimamente os legisladores cá da csaa e em tres dias está o processo acabado.

Com um calor d'estes é de pasmar como nas camaras portuguezas os projectos uns apoz outros vão sendo approvados. Mal ha tempo para se saber de que se trata ou para dizer ai Jesus! que ás vezes tão bem calhava. Approvado!

E ha quem diga que não somos capazes de trabalho!... E' ver aquillo, e é um trabalho serio!

Que, diga-se a verdade, o tempo já não vai muito para grandes discussões, com o calor intensissimo d'estes ultimos dias na cidade torrida.

Que de inverno haja toirada, uma vez por outra, ao abrigo das chuvas, no *Solar dos Barrigas*, entende-se; mas agora só são de ver no Campo Pequeno, ao bello ar livre, como muito bem o entenderam Manuel Casimiro de Almeida e Rafael Peixinho, os ultimos felizes beneficiados.

Um ou outro episodio de sensação, curros promettedores, heroes da festa sympathica, que mais era preciso para que a praça se enchesse?

Estamos no tempo grande para toiros. Estamos no tempo grande para os pobres, dizem alguns. O frio quer muita roupa e mais alimento, o pobresinho soffre mais no inverno.

Mas que horrorosa coisa pensar na casa infecta, mal cheirosa, sem ar, em que tantos passam as noites quentes do mez de julho, arquejantes, cobertos de bichos!

Ha dias, n'um cubiculo immundo d'uma caserna de mendigos em que foi transformado o antigo convento das Bernardas, foram encontrados dois cadaveres, já em principio de apodrecimento. Estavam os dois nus, deitados na mesma cama. O calor, a falta d'ar havia-os asphixiado. Por mais desinfecções que lhe fizessem, era um horror, um nojo, approximar-se alguem d'aquelle vão tão pequeno, que não tivera ar para dois homens durante uma noite curta de verão.

Um dos mortos era o Rei da Madureza, um quasi cretino, bebado muita vez, que andava por Lisboa e pelos arraiaes dos arrabaldes, prégando sermões, fazendo discursos rimados.

Preso trinta e nove vezes, não sei quantas julgado, ao proprio juiz respondia em verso. Nos intervallos das poesias, tocava sinos em algumas egrejas. Sempre artista.

Pobrissimo está claro, repartia umas migalhas com o outro, mais cretino do que elle, e que via amparado áquella miseria.

Vão desapparecendo de Lisboa os typos de rua. Morreram o Machadinho de Belem, o Gaspar da Viola, o Maluquinho de Arroyos. O Rei da Madureza agora quasi fechou a procissão.

Um ou outro que pela graça, pela originalidade, ás vezes pela estupidez, se vai tornando saliente, breve desapparece, levado para a cova pelo vicio ou para a cadeia pela policia.

Ainda não ha dois dias vimos o Mosca, um garoto de jornaes, pela esperteza muito conhecido de todos os frequentadores do Suisso e Martinho, lamentando sua desgraça, levado por um policia para a esquadra da Avedida.

Estragam tudo!

Era deixal-os andar por ahi, esses revisteiros, auctor-actores, caricaturando os acontecimentos, dando uma nota jovial ás coisas tristes, troçando, com alegria de garotos, dos vicios e vaidades da gente.

Mas nem já nas revistas em theatros se permitte a menor caricatura e por isso ellas ficam sendo muita vez uma serie de enigmas de difficil senão impossivel decifração.

Isso não obstante, é ainda o genero que, sobretudo com este calor asphixiante pouco proprio para demoradas attenções, o publico a tudo prefere.

Depois do *Está no seu direito*, representado com exito no theatro da Avenida, e depois d'uns dias de casa fechada para os ultimos ensaios no theatro da Trindade, o *Ali... á Preta* obteve novamente o applauso unanime e vai dando successivos casões, tal qual como no anno passado.

Ainda no domingo pelas oito e meia da noite, era uma romaria por aquelle Chiado acima, onde todos esbarravam uns nos outros, porque a noite era de pouco luar, poucas lojas havia abertas, e o gaz só se accende n'estes dias compridos algumas horas depois do sol posto. Uma capital como se requer. Meia hora depois de acceso, calcula-se que é quasi dia e passa um homem á pressa a apagal-o.

A Trindade teve uma casa quasi á cunha n'essa noite.

A companhia Giovannini vai em breve deixar o Colyseu.

E propositadamente deixámos para o fim o theatro D. Amelia, onde Joaquim d'Almeida novamente se nos apresentou no *Rosalino* do nosso querido Guilherme de Azevedo, o escriptor distincto que ha muitos annos, inaugurou n'este jornal as *Chronicas Occidentaes*.

A peça foi no seu tempo um grande passo no theatro e sahiu do ramerrão em que todos andavam. Guilherme de Azevedo não era dos que facilmente se deixavam subjugar por um mau criterio do publico, pela rasteirice da moda.

Depois de tantos annos sobre a sua morte, n'estes tempos em que tudo tão depressa envelhece, sabe-nos bem, aos que fomos seus amigos, n'este jornal que elle ajudou a fundar, citar-lhe ainda uma vez o nome com respeito e com saudade.

João da Camara.

O ACTUAL ARCEBISPO DE BRAGA

«Christianus mihi nomen catholicus cognomen...
«Non sunt haeretici vero nomine christiami.»

Estas palavras d'um bispo santo, de Barcelona, collocadas pelo abbade Robert na primeira pagina do seu excellente livro intitulado *Divinité du Catholicisme demontrée a un docteur d'Oxford d'après la Bible et les Pères des premiers siècles*, estas palavras parecem gravadas nos labios do novo successor de D. Frei Bartholomeu dos Martyres pela mesma mão omnipotente de Quem insuflou a primeira alma sobre a terra.

E que antes de tudo o sr. D. Manuel Baptista da Cunha é um verdadeiro padre na accepção rigorosamente apostolica do termo; é um corpo inteiriço definido por uma unica expressão: catholico!

Se não é susceptivel de se deixar envaidecer perante o aspecto seductor das suppostas grandezas do mundo, nunca tambem cahiu em condescendencias temerarias que podessem involver o seu nome em motivos justos de accusação severa.

Ha franqueza e não villania no seu caracter bondoso e nobre. E não sou eu só que digo isto; affirma-o toda a gente que se tem abeirado do illustre prelado da Egreja primacial de Braga.

Elle vem caminhando até hoje sobre uma estrada direita, em que se não faz mister vergonhoso encobrir faltas que não existem e occultar designios ambiciosos que não moram na sua mente nem rugem na sua consciencia.

Está ali o homem que ao solo patrio prende o amor da caridade evangelica e o carinho filial do respeito aos velhos paes, e ao Ceo liga a aspiração legitima d'um crente.

E' d'estes seres que carecem os povos decadentes para se erguerem do seu abatimento, e é d'estas almas simples como a propria virtude, que deriva para as nações um modelo exemplarissimo que as retempere ao calor hypostatico da uncção religiosa.

Quem é o actual Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas?

Vae dizel o um patricio seu, já distincto na republica das letras e em verdade credor das nossas sympathias pela pureza de idéa e pelo mimo do sentimento que se revelam no seu poetar inspirado, Adolpho Portella, a quem sou feliz de poder n'este momento prestar homenagem sincera transcrevendo phrases suas: «D. Manuel Baptista da Cunha, nasceu em Paradella, concelho de Agueda, a 16 d'abril de 1843. Formou-se em direito e theologia na Universidade de Coimbra, sendo, em 20 de julho de 1871, convidado pelo então Vigario Geral d'Aveiro, sr. Pires de Lima, para professor do curso ecclesiastico do seminario, d'aquella cidade, e pelo mesmo sr. Pires de Lima proposto para Vigario Geral substituto.

Em 1880 foi nomeado Vigario Geral, effectivo, sendo logo transferido para Pinhel, logar que não acceitou, continuando a exercer o magisterio no seminario d'Aveiro, d'onde, quando foi extincto o bispado d'esta diocese passou a convite do ex.mo sr. Bispo-Conde, para o seminario da diocese de Coimbra.

Em 30 de janeiro de 1888 foi nomeado e acceite Vigario Geral do Patriarchado, sendo preconisado em consistorio de 1 de junho de 1888 pela Santa Sé principe da egreja com o titulo de Arcebispo de Mitylene e sagrado em 15 de julho do mesmo anno.»

E' singello e claro como a luz do sol o quadro que assim traçou em poucas linhas um escriptor que conhece de perto aquelle seu honrado e modesto conterraneo.

Seus paes possuem bastantes meios de fortuna, que sobrariam a regalar uma vida ociosa se elles não fossem como são activos no trabalho laborioso e zelosos educadores na honestidade.

A mãe é uma d'estas mulheres de ideal dedicação e de aprimorado valor psychologico por natural instincto.

Ella e o viril progenitor formam para o digno prelado o ninho quente de affectos e de enleios ternos em que o seu coração vae repetidas vezes esmaltar-se candido e o seu espirito expandir-se n'um dôce hymeneu do berço.

Filho de gente boa e lavradora, habituou-se a reflectir em face da Natureza virgem sobre a innocencia da vida casta e sobre os merecimentos da sobria austeridade; e, quando um dia se sentiu chamado ao ministerio sacerdotal, não duvidou da profundeza authentica da vocação e percebeu immediatamente que não haveria soluções de continuidade no seu futuro.

Elegendo para noiva na intimidade da sua convicção a Egreja que ia desposar na carreira terrena, logo tambem comprehendeu e acceitou com lucidez perfeita todas as summas responsabilidades d'um ente racional elevado ás ordens sacras, e viu satisfeitos os encantos da visão que o embalara quando discorria alegremente lá nos campos que o Certima atravessa.

O sr. D. Manuel Baptista da Cunha, ha de ser em Braga o que era hontem no Patriarchado, o que foi no vigor da mocidade e no exercicio do magisterio, um individuo de bons costumes, dotado de faculdades intellectuaes capazes de resolver quaesquer difficuldades, applicado ao estudo com escrupulosa attenção, caritativo sempre e sempre propenso ao favor prestimoso. Se eu quizesse contar aqui factos numerosos, pondo em relevo a estatura evangelica d'este padre investido n'um dos graus suprêmos da Egreja de Jesus Christo, bastar-me-hia embrenhar-me n'um dos bairros mais pobres da nossa capital e pronunciar ahi em voz alta o nome do ex-Arcebispo de Mitylene.

Então, ouviria louval-o e abençoal-o na linguagem eloquente das lagrimas pela gratidão da miseria no alivio da doença e na modorra da dôr.

Não devo porém, melindrar o seu caracter essencialmente humilde e avêsso a louvaminhas, tanto mais, quanto ninguem ignora em Lisboa de que modo se desentranham as suas virtudes e quaes as qualidades formosas que tornam veneravel o insigne Pastor bracarense. E' possivel que o seculo venha alguma vez magual-o e affligil-o por intrigas malevolas e por intentos ruins de paixões desordenadas; mas não creio facil, a menos que não surja a acção anormal d'uma enfermidade subita, que se deixe vencer moralmente por maior que seja o artificio no assacar da hypocrisia e por mais cortante que seja a injuria no calumniar da inveja, quem como elle permanece tranquillo no dever civico e é firme no cumprimento da Justiça norteada pela Cruz. Os habitantes do arcebispado de Braga, estão pois no caso de bemdizer a hora em que a escolha d'um successor do fallecido sr. D. Antonio Honorato, de gloriosa memoria, recahiu na pessoa do que era Vigario Geral do Patriarchado, e por seu turno, o sr. D. Manuel Baptista da Cunha, não é indigno de occupar na Egreja primacial d'aquella cidade historica o logar brilhante de fulgôres christãos e ingentemente honrado pela passagem magestosa d'uma serie de prelados de renome immortal.

Oxalá que d'aqui a centos d'annos, algum viajante, visitando a Sé de Braga, possa dizer reportando-se ao tempo do actual arcebispo, o mesmo que disse no seguinte final de pagina da sua obra *No Minho*, o finado D. Antonio da Costa, rendendo preito na aureola da fama á santidade do velhinho que se chamou D. Fr. Bartholomeu dos Martyres: «Se o povo de Vianna já não pode ir á tua cella bemdizer a tua memoria, nem por isso a tua memoria perdeu, porque de idade em idade não ha ali um só coração em que ella não esteja gravada com o mais puro amor.»

Tal é o meu juizo no presente a respeito do Sr. D. Manuel Baptista da Cunha, e taes são os votos que faço para a sua recordação na posteridade.

D. Francisco de Noronha.

UM PARENTE POBRE

POR

Charles Lamb

Que vem a ser um parente pobre? — Tudo quanto de mais desagradavel podeis imaginar; — uma correspondencia impertinente — uma approximação odiosa — um remorso de consciencia — uma sombra quezilenta que vem projectar-se sobre a formosa luz da vossa prosperidade — uma mortificação renováda sem cessar — uma sangria na vossa bolsa — uma affronta mais insupportavel ainda ao vosso orgulho — uma nóta aziága em vóssos lances afortunádos — uma mancha no vosso sangue — um borrão no vósso escudo de armas — um buráco no vosso casáco — uma caveira na meza dos vossos banquétes — o váso do oleiro sobre a de Agathócles — um lázaro á vossa porta — um leão que vos sahiu ao caminho — uma rãa na vossa alcôva — um argueiro no vosso ôlho — uma môsca na vóssa pomáda — uma saraiváda na vossa ceára — uma colhér de vinágre n'um quartilho de leite — um triumpho para o vosso inimigo — uma desculpa para os vossos amigos — a unica coisa sem a qual poderieis muito bem passár — o importuno, por excellencia.

Conhece-se pelo seu módo de bater á porta. Diz-vos, logo, o coração: «Ahi vem fulano...» A sua argoláda representa um meio termo entre a familiaridade e o respeito, entre a esperança e a duvida. E' elle, effectivamente! Entra, todo elle sorrisos... acanhado; estende-vos a mão e — acto continuo—encolhe-a, por méro acaso. Chega, a horas de jantar... e sempre quando já não ha lugár. Propõe retirar-se, vendo que tendes gente de fóra... toma, porém, o dito ao pé da lettra, se lhe dizeis que se deixe ficar.

Acceita uma cadeira, e os dois pequerruxos do vosso principal convidado lá vão destacados para a meza pequena. Não e capaz de apparecer nos dias ordinários, em que vossa espoza vos diz com bom semblante: Meu amor, talvez que venha por ahi hoje o fulano. — «Nunca se esquece dos dias de annos nem das festas de familia, afirmando sempre que dá graças a Deus por ter tido a feliz lembrança de apparecer. Declára que não deseja servir-se de peixe, quando vê que tendes unicamente um rodovalho de mediocres proporções... e deixa-se immediatamente seduzir — aceita uma póstasinha, contradictoriamente á sua declaração. Restringir se ha egualmente ao vinho de pasto, e d'ahi a pouco, se instar com elle um estranho — consentirá em beber o vosso derradeiro copo de Bordeaux. E' um vivo enigma para a creadagem, que se teme de ser obsequiosa em demasia, ou de não ser delicada o sufficiente para com elle. Os comensaes dizem uns para os outros que já viram aquelle sujeito em qualquer parte; faz cada qual sua conjéctura relativamente á sua posição na sociedade, e o maximo numero toma-o por um amanuense da alfandega.

Chama-vos pelo vosso nôme de baptismo, para que se saiba que tanto vós como elle tendes o mesmo appellido. Mostra-se familiar em excésso, — e vós a desejardes que não fosse tão acanhádo! Com meia dóze de familiaridade a menos, poderia passar por um homem que vos deve obrigações; com uma migalhinha a mais de atrevimento, ninguem adivinharia o que elle é. Para amigo, é muito humilde, e para cliente, toma liberdades que lhe não convém. E' um comensal muito peior que o vosso feitor, tanto mais que vos não traz rendas; e comtudo, vósso feitor, é isso, exactamente, o que elle parece aos olhos de toda a gente. Se lhe pédem que se sente á mêza do whist para jogar uma partida, néga-se, confessando que não traz dinheiro comsigo, e... e offende-se, dádo o caso que lhe não propônham que jogue. Quando a sociedade se levanta para sahir, offeréce-se para ir chamar um trem, e... deixa ir os criádos. Lembra-se ainda de vósso avô, e introduz de bom grádo a sua anedoctasinha pueril ou trivial com respeito á familia. Conheceu-a em circumstancias bem mais modéstas d'aquellas em que actualmente lhe cabe a *dita* de a vêr.

Compraz-se em revolvêr o passado, afim de estabelecêr aquillo a que elle... chama... comparações favoraveis. No intuito de uma especie de felicitação critica, perguntar vos-ha o prêço da vossa mobilia, e far-vos-há a injuria de vos gabar o estôfo das cortinas. E' de parecer que o vosso búle actuál tem um feitio mais elegante; mas, no fim de contas, acrescenta, havia um não sei quê de mais confortavel no antigo... Sabeis muito bem a qual se refére. A proposito de botas, dir-vos-há que deveis achar muito cómmodo ter carruagem propria e appellará para o testemunho de vossa espôza. Encaminhará a conversa para o capitulo do vosso brazão de armas, e pretenderá que só ha muito pouco soube que á familia assistia o direito de usar brazão.

A sua memoria é sempre inopportuna, os seus cumprimentos perfidos, a sua conversação abhorrida, a sua presença uma obsessão. Assim que se retira, a primeira coisa de que trataes é de impurrar para um canto a sua cadeira, e sentis que, por uma vez, vos vistes livre de dois empecilhos.

O sol allumia um flagéllo ainda peior, e esse flagéllo é uma parenta pobre. Ao outro podereis ainda dar-lhe uma volta; dissimulal-o soffrivelmente, esta, porém, é para vós um desespêro. Podereis dizer do primeiro que é um velho original, que usa por affectação um casaco rapádo; que está em melhores circumstancias do que muita gente cuida; que não se vos dá de apresentar á vossa mêza uma personagem um tanto esquipatica, — e esta é das taes.

Agora, do que não ha meio, é de impingir uma parenta indigente por aquillo que não é.

Não ha mulher que, por capricho, se vista de módo inferior ao que péde a sua cathegoria social: «Está claro que é parenta, aliás, que viria ella aqui fazer?» É prima de sua esposa, provavelmente, e iria apostar déz contra um que é esse o facto. O seu trajo participa dos arrebiques proprios a uma senhora e dos andrajos da mendiga, comquanto, manifestamente, sejam os primeiros que dominam.

E' cruelmente humilde, e tem ostensivamente a consciencia da propria inferioridade. O parente pobre, de vez em quando, é preciso ir-lhe á mão, *aliquando sufflaminandus erat*; ella, porém... não ha meio de a indireitar. Ao jantar, enviaes lhe a sôpa, e róga-vos que a não sirvaes senão no fim, quando estiverem servidos *esses senhores*. Pede-lhe licença o visinho para lhe offerecer um copo de Porto ou de Madeira .. hesita e escolhe o Porto, porque o prefere o visinho. Trata o criado por senhor, e não quer que elle tenha o incommodo de lhe aguentar o prato. A governante protege-a, a aia dos meninos não se ensaia para a reprehender se chama crávo ao vosso piano forte.

Ricardo Amlet, na célebre comedia de Vanbrugh (*Colligação de mulheres*) ministra-nos notavel exémplo dos inconvenientes a que anda exposto o nobre coração d'um gentilhomem por motivo da estulta pretensão d'uma parenta que está persuadida de que os laços de sangue conferem direitos imprescriptiveis. O seu sangue plebeu, eis a unica coisa que se oppõe a que case com uma herdeira rica. A sua estrella está-lhe sempre a atirar á cára com a fatal maternidade d'uma vêlha que insiste em chamar-lhe seu filho Dick. Mas, no fim de contas, essa mãe tem com que compensar semelhantes afrontas, e acaba por pôl o a navegar n'esse mar brilhante em cujas ondas parecia ter tomádo de empreitada o impenho de fazer com que naufragásse. Nem todos os homens tem, aliás, o temperamento de Dick.

A um Amlet conheci eu no mundo a valêr, que, por não ter o descaramento de Dick, acabou por se afogar de vez. Pobre Williams, andáramos no mesmo collegio, éra latinista distincto, mancêbo que promettia muito. Se algum defeito tinha, era o ser soberbo, em demasia; inoffensivo, porém, por naturêza. Não éra um orgulho d'esses que endurecem o coração e tendem a repellir para longe os inferiores; no que elle se empenháva era em não rebaixar jámais a sua pessôa. Era o principio do respeito de si proprio, levádo até aos limites do possivel, sem transpôr nunca a linha d'esse respeito que elle desejaria vêr manter a outrem para com a propria dignidade.

Insistia em que todos sobre esse assumpto pensassem como elle. Quantas e quantas vezes, sendo ambos já um tanto espigados e envergando ainda o bibe da escóla elementar, que nos tornava alvo de importuna attenção, não tinhamos nós bulhádo, pelo facto de eu não consentir em que evitassemos a pasmaceira dos papalvos da capital, seguindo-o pelas ruas mais escusas. Williams levou comsigo para a universidade de Oxford a tal falsa vergonha; esta e o sentimento da sua extracção humilde vieram a estragar-lhe a dignidade e o remanso da vida universitaria Acabou por contrahir, alli, a um tempo verdadeira paixão por aquelle asylo da sciencia e profunda aversão para com a sociedade. A vestimenta do internáto (bem peior do que o bibe do alumno) afigurava-se-lhe impregnáda de veneno identico ao da tunica de Nésso. Achava se ridiculo, envergando um traje revestido do qual o illustre Latimer marcharia de cabeça levantada, e que o sabio Hooker, durante a sua mocidade, não vestia provavelmente sem experimentar comoções de toda a especie, proprias a uma vaidade assáz desculpavel. Ora, quer á sombra frondósa do arvoredo do collegio, quer no retiro da sua camara solitaria, o pobre estudante escapáva á observação. Refugiava-se entre os livros que não insultam, e n'esses estudos que não perguntam a um mancêbo pelo estado das suas finanças. Era o senhor da bibliotheca, e nem pensava sequer em afastar-se dos limites dos seus dominios. Os seus trabalhos tinham a salutar influencia de o arrancar ás suas penósas cogitações. Feliz por semelhante distracção, completamente são de corpo e de espirito, eis, se não quando, lá vem a maligna estrella que o andava a perseguir perturbar tão dôce socego mediante a mais cruel fatalidade.

O pae de Williams exercêra até áquella data a modesta profissão de pintôr a cóla n'uma aldeia suburbana de Londres. Uma recommendação que obteve para alguns dos administradôres dos collegios d'Oxford suscitou-lhe a ideia de estabelecer-se n'essa cidade, onde esperava que o empregassem em alguns trabalhos de escaiola que estavam em projecto. Foi a datar d'esse dia que li nos olhos ao filho a determinação que devia por fim arrancal-o para sempre á sua carreira academica

Só a quem tenha vivido nas nossas universidades será dado conhecer a filáucia aristocratica que a differença no trajar alimenta alli entre os proprios estudantes. Não se imagina, tambem, com que altivo aprumo os estudantes (ou togádos) de todas as classes mantem a distancia que os sepára dos burguêzes de Oxford, e acima de tudo, dos lojistas. O caracter do pae do nosso Williams estava em compléta opposição com o do filho. Era um d'esses industriaes maleaveis e prodigos em zumbáias, que apenas se julgam cortézes quando descem á mais obsequiósa humildade. Comprazia-se em passear, de braço dádo com o pensionista seu filho, parando em frente de tudo que apresentava visos de roupêta universitaria, afim de lhe fazer a sua barretáda, com todo o respeito, insensivel aos signaes e ás observações do pobre rapaz, que soffria o martyrio de o vêr assim humilde, prostrar-se gratuitamente perante seus eguaes. Isto assim é que não podia continuar. Williams se se demorasse mais tempo a respirar o ar de Oxford, rebentava, com toda a certeza. O moralista sevéro que tiver préssa em o condemnar, em nôme da piedade filial, não sabe o que custam essas coisas a qualquer alma altiva collocada em situação identica.

Na vespera do dia em que se ausentou, achava-me eu com o Williams, debaixo do alpendre da loja do pae. O meu amigo, segundo me pareceu, estava mais tranquillo e de melhor catadura. Aventurei-me a gracejar com elle relativamente á nova taboleta que o pae, cujos negocios iam de vento em pôpa, pendurára por cima da porta em magnificente caixilho. Representava o artista evangelista, S. Lucas, padroeiro dos pintores em vidro, dando-o como emulo de Rafaél Williams olhou para ella, e tal qual o Satanaz de que réza a ballada, assim que deu com os olhos no santo, deitou a fugir. Effectivamente, em carta que o pae, no dia seguinte, encontrou em cima da mêza, participáva-lhe o Guilherme que aceitava uma patente de alféres e que ia embarcar para Portugal. — Foi dos primeiros a succumbir debaixo das murálhas de S. Sebastian.

Depois de ter principiado por encarar o lado satirico e facêto do meu assumpto, não sei como vim a cahir em cheio em cima de episodio tão triste O capitulo dos parentes póbres offeréce, porem, naturalmente, esta méscla de serio e de jocoso. Felizmente, pósso recordar as minhas primeiras impressões sobre a materia sem que va remechêr lembranças tristes ou em demasia humilhantes. A mesa de meu páe, muito mais frugal que opipara, dava nas vistas, todos os sabbados, o rosto misterioso de um ancião de casaca préta, muito bem escovadinha, grave e de muita compostura. Pouco ou nada falava, e recommendavam-me, sempre, que não fizesse bulha quando estava presente. Eu nem sequer pensava em tal, tão occupado estáva em o admirar silenciosamente. Reserváram uma poltrona, muito em especial, para elle, e que não servia a mais ninguem. Os dias em que vinha eram asssignaládos, tambem, com um pudim. Habituára-me á ideia de que éra um homem muito rico.

Tudo quanto eu podia pintar na minha imaginação, relativamente ao nosso comensal hebdomadario, é que fôra colléga de meu páe na esco-

CAPITÃO DREYFUS

Meu pae fora um dos chefes da montanha, e o seu contemporaneo um dos chéfes da planicie. Cada um d'elles mantinha ainda a superioridade contestada dos seus, reclamava cada qual para o seu partido a palma da audacia e da bravura. Era este o unico assumpto de discussão que surgia entre meu pae e o nosso comensal encasacádo de prêto; a contenda, porem, as mais das vezes, acendia-se a ponto de nos inspirar receios de que viéssem a renovar-se as hostilidades. Meu pae, que se dedignava de aproveitar as suas vantagens, tinha, por via de regra, arte de imprimir, de subito, rumo diverso á conversa. O expediente era, quasi sempre, qualquer allusão habil á vetusta cathedral de Lincoln, que o caudilho da montanha e o chéfe da planicie eram concordes em preferir ás cathedraes todas da Inglaterra. Era sobre este terrêno de conciliação que vinham, como que por encanto, apagar-se quaesquer differenças ácerca de materias de somenos importancia.

Uma unica vez vi o ancião da Moéda seriamente aggravado, e lembro-me ainda da penosa sensação com que a mim mesmo repetia: «Quem sabe se cá tornará outra vez!» Tinham apertado com elle para que se servisse segunda vez d'esse acepipe que citei já, como sendo parte obrigada nas suas visitas; negavase, com tal ou qual resistencia um tanto impertinente, eis que minha tia, senhora já edosa, natural de Lincoln, cuja péchasinha favorita era o dar-lhe para ateimar fora de villa e termo quando offerecia alguma coisa por ceremonia, proferiu estas palavras memorandas: «Ora vá lá, sr. John Billet, coma mais um bocadinho, que nem todos os dias apanhará pudim.» O ancião não respondeu palavra, encontrou, porém, ensejo, durante o serão, de contrariar minha tia e de reforçar os respectivos argumentos com a sentença que adiante vae, proferida com emphase tal, que a sociedade toda ficou passada, e que a mim me parece que o estou ainda, ao escrevel-a: «A senhora, permitta-me que lh'o diga, o que é, é uma velha tinôca!

John Billet não sobreviveu por muito tempo a semelhante afronta; sobreviveu, porem, ainda o sufficiente para me provar que haviam sido concluidas as pazes; e se bem me recordo, um pudim d'outra especie veio substituir o que fôra pômo de discordia. Falleceu na Moéda (em 1791) onde, desde muitos annos, exercia um emprego que lhe proporcionava viver com decencia. Supposto que, á hora da morte, lhe não encontrassem na secretaria senão 5 guinéos, 14 schellins e 1 penny, foi-se d'esta para melhor vida dando graças ao altissimo por poder deixar com que lhe fizessem o intêrro, e por nunca se ter visto na necessidade de pedir 6 pence fosse a quem fôsse.

Era... um parente pobre.

Pin-Sel.

la em Lincoln, e que vinha da Moéda. Eu sabia que a Moéda era o lugár em que o dinheiro todo de Inglatérra ia receber a marca do respectivo valôr; e, como creança, imaginava que era este homem quem possuia todo esse dinheiro. Ideias imponentes ácerca da torre de Londres, situada na visinhança da Moéda, vinham mésclar-se áquellas que m'evocáva a sua presença. Afigurava-se-me sêr um ente superior a todas as paixões e infermidades humanas. Circumdáva-o uma *especie* de grandéza melancólica. Representava-m'o, por vezes, a imaginação, em resultado de inexplicavel destino, obrigádo a vestir um eterno trajo de luto — á semelhança de um captivo, personagem importante que só aos sabbados deixavam sahir da torre. Causava-me espanto, ás vezes, a temeridade de meu pae, o qual, apezar do respeito de que toda a familia costumava rodear a este estranho, de tempos a tempos se atrevia a contradizel-o acerca de qualquer acontecimento de quando ambos eram rapazes.

A cidade de Londres é dividida em duas partes distinctas, a da montanha e a da *planicie*. Semelhante distincção déra origem a outra em extrêmo acentuáda entre os filhos dos habitantes dos dois bairros, que, não obstante, se reuniam na mesma escola, mas que, pelas ruas, marchávam levando na frente duas bandeiras inimigas, e travávam combátes dignos da propria Illyada.

PRESIDIO DA ILHA DO DIABO ONDE ESTEVE O CAPITÃO DREYFUS

1 e 2 Casinhas dos guardas — 3 e 4 Torre com plantaforma para observação, artilhada — 5 Casa para os visitantes — 6, 7 e 8 Casa de madeira com 6 metros quadrados e leito de lona, prisão de Dreyfus — 9 Recinto reservado de 12 metros por 6, para uso do capitão Dreyfus — 10 Nivelamento do terreno — 11 Praia com palmeiras — 12 e 13 Casa da guarda e ponte de desembarque — 14 Caminho do desembarque para a prisão.

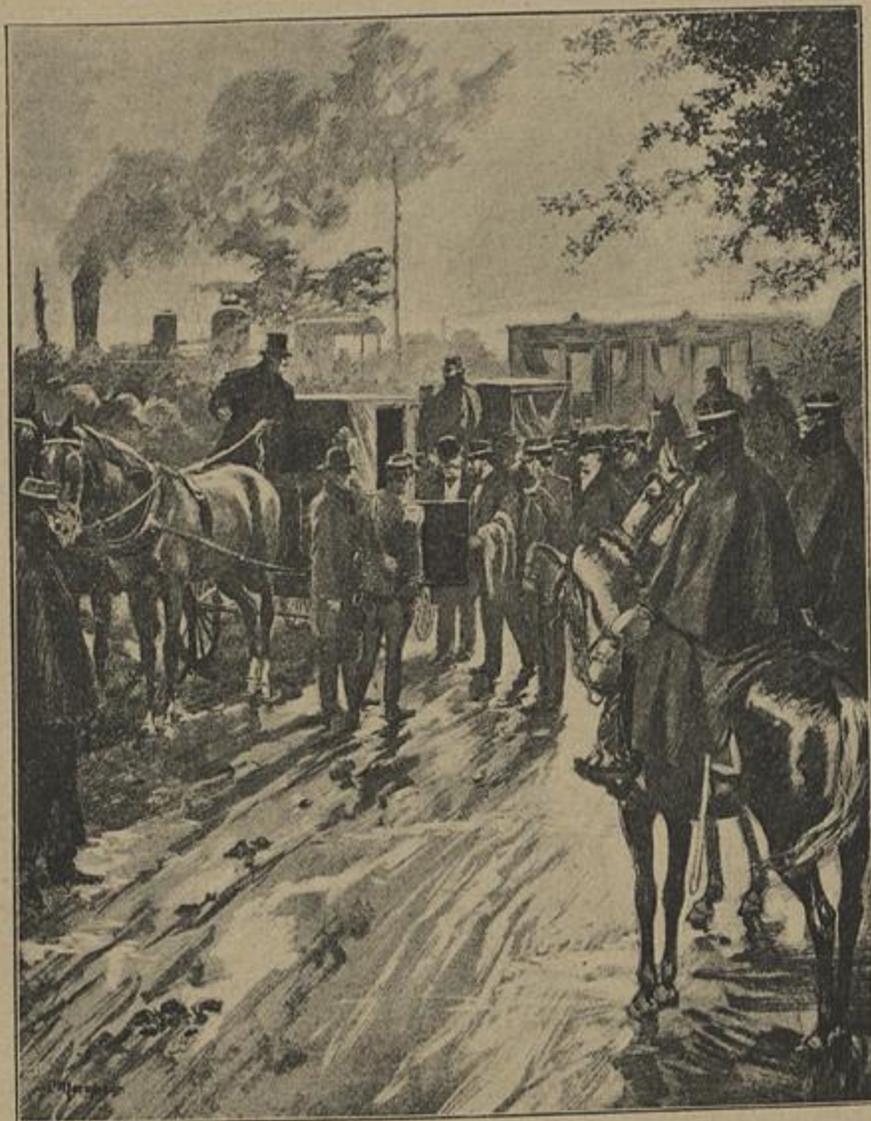
REGRESSO DO CAPITÃO DREYFUS — A BORDO DO «SFAX»

AS NOSSAS GRAVURAS

O CAPITÃO DREYFUS

Reintegrado no seu posto, porque o condemnado por altissima traição á patria já hoje não é mais do que um simples accusado, a cujo favor abundam as provas de innocencia, Dreyfus brevemente, assim o espera metade da França, verá victoriosamente acclamada a sua honestidade e findo o mais horroroso martyrio, que haja n'este seculo sido imposto a um homem.

Foi em 1894 que pela primeira vez se desconfiou que entre os officiaes do estado maior do exercito francez algum traidor havia, que a certo governo estrangeiro fornecia noticias secretas sobre a organisação militar da França.

Um papel rasgado, cujos pedaços se uniram, foi encontrado no cesto de papeis para deitar fóra de uma embaixada estrangeira. A letra d'es-

CHEGADA DO CAPITÃO DREYFUS A RENNES

se documento era similhante á de Dreyfus, e tanto bastou para que este fosse preso e para que a instauração do processo e o proprio processo seguissem seus tramites no maior dos segredos.

O conselho de guerra condemnou Dreyfus á exautoração e a prisão perpetua em recinto fortificado.

Perante um grande contingente de tropas, como é costume, foram arrancados os galões do infeliz condemnado, que, ainda n'esse momento, como sempre, protestou sua innocencia.

D'ahi foi enviado para a ilha de Ré, d'onde pouco depois era transportado para a ilha do Diabo na Guyana, onde padeceu os mais horrorosos tormentos, estando, durante dias, mettido em ferros no carcere suffocante, sem que, ao menos, lhe fossem explicados os motivos d'este excesso de rigores, que alguns desmentem.

A noticia da pena imposta a Dreyfus descontentou muitos patriotas francezes, que a acharam em demasia branda e em altos berros e longos artigos accusavam o conselho de guerra de se ter deixado levar pela clemencia ou pela piedade ante um crime tão hediondo. Tudo lhes parecia pouco a não ser a pena de morte.

Mas Dreyfus tinha amigos e esses nunca se deixaram convencer pelas provas que tão evidentes haviam parecido aos membros do tribunal.

Foi então que appareceu uma carta de Mathieu Dreyfus accusando clara e terminantemente de traição o commandante Esterhasy. A absolvição d'este não aquietou os animos, que mais sobrexitados ficaram, quando Zola publicou a celebre carta, *J'accuse*.

Estavam dados os grandes primeiros passos para a revisão do processo.

Chamado ao ministerio da guerra o coronel Henry, chefe do serviço de indagações, para explicar como, entre os documentos que mais compromettiam Dreyfus, um se achava evidentemente falso, Henry declarou ter sido elle proprio o auctor da falsidade. Preso immediatamente, suicidou-se na prisão.

A discussão motivada por todos estes factos dramaticos, sobrexcitavam ainda mais as paixões. Crescia, ao mesmo tempo, n'uns o enthusiasmo, n'outros o odio a esse homem dos maiores da França, Emilio Zola, que puzera hombros á mais colossal empreza. Até a propria religião quizeram envolver no caso e, porque Dreyfus é judeu, semitas e anti-semitas degladiaram-se pelas ruas, insultaram-se nos jornaes.

Entretanto seria flagrante injustiça, que offendêra todos os homens de bem, continuar negando a revisão d'um processo feito secretamente, mas que nullidades evidentes manchavam desde seu principio.

Dreyfus, reintegrado no seu posto, foi chamado da Ilha do Diabo e espera na prisão de Rennes o novo julgamento que deve realisar-se por todo o mez de agosto.

Foi no porto de Haliguen, na madrugada do dia um de julho, que, debaixo d'um temporal desfeito, Dreyfus desembarcou. Entrou n'uma carruagem que o conduziu a Quiberon, d'onde um comboio especial o levou a Rennes, em cuja prisão militar o recolheram, com todas as honras que novamente lhe são devidas.

A sua entrevista com a mulher, de que ha tanto se achava separado, só communicando com ella por cartas, cujas phrases eram transformadas pelos carcereiros que o vigiavam na horrorosa ilha, os seus primeiros beijos n'aquella a quem tanto deve e que nem por um só momento desconfiou d'elle, as palavras que mal podia articular a lingua desacostumada de falar, o sorriso de alegria e esperança que lhes animavam os rostos, a todos commoveram profundamente.

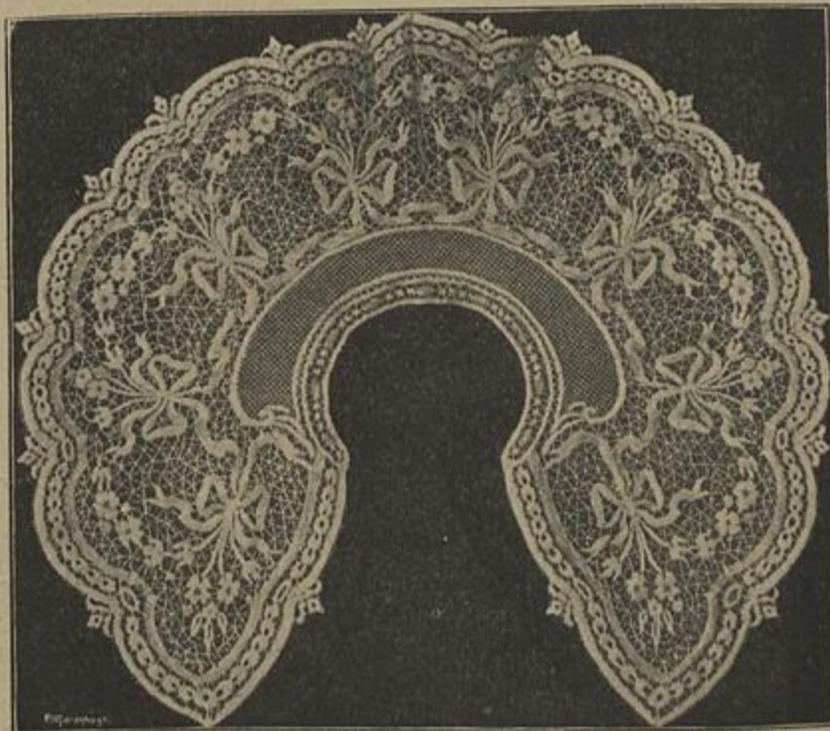
Dreyfus só agora soube os pormenores de toda a sua historia, desde que a barbaridade combinada com a estulticia dos homens o haviam sequestrado da companhia de todo o ser humano.

O novo processo vae realisar-se em breve. Que novo misterio virá desvendar ou novos enigmas propôr?

A innocencia do capitão Dreyfus parece-nos evidente; entretanto juizo seguro só mais tarde poderemos formal-o, se conclusão sem duvidas se póde tirar da cada vez mais fallivel justiça dos homens.

As rendas de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro

N'uma das minhas visitas á exposição de rendas, que, nos ultimos dias de março, attrahiu para o salão da livraria Gomes o pensamento feminide Lisboa, ante as artisticas maravilhas que se desdobravam fascinadoras sobre os fundos de seda e de velludo, eu pensava no extraordinario valor que adquiririam aquellas joias de preciosidade incontestavel, se, parando subitamente a formosa industria, ficassem, exemplares unicos, e os mais bellos especimens do seu genero que, no passado e no presente se tem produzido em Portugal.

Se a artista de singular talento, a sonhadora enthusiasta que se enamorou d'esse producto, tão essencialmente feminino, — a renda — e apossando-se da gentil, mas entre nós rotineira industria, a transformou ao sopro da sua phantasia creadora, ao impulso da sua vontade intelligente, tornando-a admiravelmente bella, um dia, cançada a sua actividade por uma vida de labor incessante, deixasse de produzir novas maravilhas não encontrando quem dignamente a substituisse,

CABEÇÃO DE RENDA PERTENCENTE A S. A. O INFANTE D. MANUEL

(Vid. artigo «As Rendas de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro»)

as actuaes possuidoras d'esses lenços e leques vaporosos, d'essas flôres de linho, que parecem vivas como se uma seiva as animasse, poderiam collocal-as ao lado dos seus mais ricos diamantes.

A feição que Maria Augusta Bordallo imprime ás rendas, não saberá imprimir-lh'a quem houver de, mais tarde, succeder-lhe na direcção da sua industria, se não possuir uma alma d'artista como a d'ella.

Para se apresentar trabalhos assim, não basta conhecer os segredos do mister, conhece-os a rotina que produz um objecto banal; só a arte os transforma, os reveste d'essa estranha seducção que fascina. Amam-se porque vivem.

Todos os que visitaram a exposição de rendas de D. Maria Augusta, deviam, por alheios que fossem a reflexões sobre arte sentir, embora vagamente, tal fascinação.

Esta industria de supremo luxo, a que nenhuma phantasia femenina resiste, apresentava ali productos d'uma perfeição extrema, admiraveis pela belleza d'estylo, pelos primores de desenho e de fabrico. Os que fossem entendedores de rendas notariam que o seu processo de execução era o das rendas de Flandres, secularmente celebres, e com as quaes as de D. Maria Augusta rivalisam tão desassombradamente que na exposição d'Anvers, em 1894 obtiveram uma medalha d'ouro. Analisando os variados objectos de que se compunha a exposição, os cabeções riquissimos, d'opulento desenho, as rendas largas e estreitas, os ramos de flôres para applicações, os lenços, os leques, os pannos *d'edredon*, as miudas phantasias a que a renda se presta, encontrava-se-lhes o caracter que dá ás obras d'um mesmo artista, ar de familia, por muito diversas e variadas que sejam.

Desenrolavam se ali opulencias de differentes estylos, dominando os das nossas maiores epocas d'arte, o gothico de que o seculo XVI nos legou tão preciosos monumentos, e esses primores d'ourivesaria, de que offerece uma synthese a custodia de Belem, e o estylo da epoca de D. João V, o rei faustoso que nos deixou, pezado cofre de riquezas, o convento de Mafra. N'esse estylo D. João V, que tão deliciosamente apropria, tem Maria Augusta Bordallo objectos encantadores, a *rocaille* applicada aos lenços finissimos, offerece delicadezas que nos fazem idealisar as rendeiras, suppondo as nymphas que fossem colher aquelles pedacinhos á babugem das vagas.

No estylo gothico distinguia-se na exposição um panno de sombrinha, pertencente a Sua Magestade, a Rainha D. Amelia, e encontravam-se riças guarnições d'altares, lenços para mãos de princezas. No gracioso estylo Luiz XVI leques que não seriam desdenhados no Trianon; roubados ao adoravel eclectismo da natureza, flôres por toda a parte, um ramo de lyrios que formará o mais rico avental que o velludo ou setim d'um vestido podem sonhar, violetas, primaveras, cravos, tulipas, eu sei, tão vivas todas que pareciam sorrir-se para a gente como para mim se estão sorrindo as rosas d'um grande ramo em que vou repousando o olhar quando o levanto do papel.

Sua Magestade, a Senhora D. Amelia, honrou com a sua presença a exposição de rendas do salão Gomes e como ella foi gentilmente rainha, e adoravelmente mulher n'esses instantes em que os seus dedos afagavam as rendas e a sua graça de soberana animava a artista a quem protege!

É realmente a protecção de Sua Magestade, a Rainha que tem animado D Maria Augusta Bordallo no bello emprehendimento d'estabelecer a industria das ricas rendas em Portugal. Em todas as epocas as grandes damas protegeram os artistas, e quasi sempre a um detalhe gracioso d'estylo, a uma fina applicação d'arte se liga um nome feminino. A Senhora D. Amelia patrocinando emprezas como a de D. Maria Augusta, presta-nos relevante serviço, e não esquece a tradicção da sua patria, em que as princezas, de Izabel de Baviera a Maria Antonietta foram sempre soberanas no gosto.

A arte applicada a tudo, emhellezando tudo é a caracteristica das grandes epocas que deixaram nome na historia. Só o que a arte anima se não perde. A França no seculo XVIII pode orgulhar-se de ter unido n'um estreito amplexo a arte e a industria. Assim a renascença. Raphael não desdenhava compôr cartões para tapeçarias e Benevenuto, cinselando no metal objectos que deliciaram o viver intimo dos seus contemporaneos, immortalisa-se com Miguel Angelo.

Não ha ainda muito que nós perdemos um artista que fazia lembrar certos nomes, glorias das grandes epocas, Leandro. Applicando a arte á industria com elle conseguiu ser superior áquelles que apenas conseguem fazer uma industria da arte!

Todas as bellas tentativas d'arte deviam encontrar applauso unanime; Maria Augusta Bordallo creando a renda artistica com uma feição pronunciadamente nossa, enriquece-nos com um producto d'alto valor.

Desenvolver-se esta industria seria tambem um beneficio para as raparigas pobres de Lisboa, que no mister de rendeiras encontrariam mais um modo de vida em harmonia com os habitos recatados da mulher. O *atelier* de D. Maria Augusta parece uma escola; uma duzia de creanças, ou pouco mais, são as obreiras inconscientes d'aquelles admiraveis trabalhos. N'uma grande sala da casa da rua d'Alegria, as janellas abertas para a frescura do jardim da escola Polytechnica, sentadas em frente das grandes almofadas, chilreando como avesinhas satisfeitas, trocando olhares travessos, vão tecendo com os bilros os detalhes das rendas que a mão delicada e leve da artista unirá segundo o desenho e o molde que a sua imaginação creou. São verdadeiras obras d'arte as que saem das suas mãos e a arte assim applicada a objectos d'uso femenino, da-lhes uma distincção que o chic banal nunca nas suas mais ricas invenções alcança. A exposição de março tornou bastante conhecidas as rendas Bordallo, e bom seria que mais repetidas vezes podessem ser offerecidos á admiração do publico tão formosos trabalhos.

O lindo cabeção de Luiz XVI, de que o OCCIDENTE dá a photogravura, foi já executado ha annos e pertence a Sua Alteza Real o Infante D. Manuel; por elle podemos fazer uma idéa de quanto são bellas estas rendas, de que a artista produz incessantemente exemplares formosissimos e novos.

Nunca serão demasiadamente lisongeiras as palavras d'animação e louvor dirigidas a D. Maria Augusta, pela inquebrantavel vontade com que tem empregado o seu grande talento em levantar tão subidamente o fabrico das rendas portuguezas.

Maria Ribeiro Arthur.

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO III

XIII

DESESPERANÇA

Eis agora o epilogo.

No dia seguinte tive forças para ver a minha pobre Violante deitada no caixão, aos pés d'aquella mesma oliveira, onde eu passára a noite.

Tinham-a posto ali, emquanto não faziam a jornada do cemiterio.

Que lhe direi das lagrimas choradas deante d'aquelle esquife onde eu quizera encerrar-me, onde encerrei a minh'alma?

Preciso foi pregar a tampa, mas quando a noite eterna desceu sobre a morta, nos meus olhos, para toda a eternidade, fixei aquella imagem toda branca.

Antonio ficou guardando aquelle corpo amado, cuja alma nunca possuiu. Querem crer que tenho ciumes da morte?

Voltei para Paris á procura do esquecimento; ainda o não achei; mas é verdade que ha apenas tres mezes que a alma de Violante, ao dar o vôo, me roçou pela fronte.

E aqui está como eu fui homicida por amor, por um capricho e por vaidade.

Roubei Violante á paz, á virtude, á felicidade, para fazer gala no boulevard do meu amargo sorriso de D. João. Sem mim, viveria ella, lá muito longe, no seu monte, com uma verdadeira ninhada de filhos, que seriam a canção da vida d'ella.

Meu amor só lhe ensinou a canção da morte.

Sejamos valentes perante os golpes da vida. Essa é que é a verdadeira batalha.

Bem vêem, meus amigos, que nem todos os que matam cobardemente, por egoismo, por vaidade, fazendo soffrer longos e crueis martyrios ás victimas, vão a perguntas perante o juiz de instrucção e são abandonados pelos amigos. Mas ha o remorso, essa justiça de Deus, mais terrivel, mais certa que a dos homens! Por isso condemno os crimes do coração e sou pela pena de morte, até quando o braço não commetteu o crime.

Por isso me condemno á morte. Mas quando chegará o algoz?

. . . .

Paulo de Hauteroche cahira em tão profunda tristeza que todos d'elle tivemos dó.

— Demais lhes falei de mim, disse, esforçando-se para sorrir. Perdôem-me a confissão. Se hoje sou todo coração, é porque esta manhã achei n'uma charuteira, de que não sabia ha muito, uma carta de Violante, umas palavras simples, mas brotadas da paixão, como do cacho brota o vinho. Aqui as têem.

Paulo de Hauteroche pegou n'um bilhete, beijou-o com ternura, e leu-nos estas linhas:

«Meu caro, quando não estás comigo aborreço-me e o aborrecimento é para mim a alma que chora. Até me aborreço quando não estás só comigo. O teu melhor amigo ou a minha melhor amiga atiram nos um e outro para os confins do mundo. Vivamos sós. Tu és Eu, Eu sou Tu.

Se soubesses como te quero! Estou certa de que se me não amasses, o sol escondia-se. O que é a vida sem o amor? Um campo-santo em que os fantasmas se agitam, um céo nocturno em que choram almas penadas. Vais mais uma vez dizer que sou uma sonhadora e vais assobiar alguma aria alegre para casa de uma das tres Carolinas. Mas d'essas não tenho medo, que não teem sabor para ti. Mas se um dia te encontro no caminho de Diana, de Valentina ou de Flor de Pecego condemno-te a uma hora de prisão nos meus braços.

Não te esqueças de que ámanhã faço annos e de que só quero os ramos que florescem nos teus labios

Isto é que é ser-se economica! Quando me lembro de que todas essas marotas querem sempre ramos de brilhantes!

Violante.»

Paulo de Hauteroche limpou duas lagrimas e murmurou:

— Não é verdade que ella gostava de mim e que não era direito meu matal-a?

XIV

A PRINCEZA BAS BLEU

Passava da meia noite quando Paulo de Hauteroche acabou a historia. Não contarei agora a discussão philosophico-humoristica que se lhe seguiu. Havia ali commovidos e scepticos; os que o condemnavam e os que apenas accusavam os acasos da vida. Elle é que não queria consolar-se do que chamava a sua má acção. Não roubára elle a felicidade d'um outro? Não tinha perdido uma alma?

Acceso o charuto da sahida, foi cada qual para casa sem ser melhor nem peior. No momento em que me ia deitar, não sei que fantasia me poz a penna na mão, emquanto a minha criada de quarto, adormecida á minha chegada, tornava a adormecer n'uma poltrona. Não deixava de ouvir a voz de Paulo de Hauteroche vibrante e sympathica. Pareceu-me que escrevia o que elle me dictava, quando notava no papel os capitulos mais interessantes da sua historia.

Pois que tantos fantasiam tantos romances, porque não ha de contar-se uma vez simplesmente uma historia tal qual da vida amorosa? Nada portanto é meu n'essas paginas apaixonadas que são a confissão d'aquelle que dizia: «Falar de si mesmo é viver duas vezes, viver e reviver.»

Tão perdida estava n'essa historia de Violante e tão nitidamenre revia esse formoso typo veneziano, que dei um grito, quando a criada acordou.

— A princeza chamou-me?

— Não. Dê-me tinta e vá deitar-se.

E aqui está porque me hão de pôr o cognome de PRINCEZA BAS BLEU.

FIM

POST-FACIO

Porque chamou a princeza a esta historia *Livro das mulheres que souberam amar?* Porque Violante morreu do seu amor. Algures já disse que as grandes paixões nascem no amor e vão dar á morte. Violante não podia sobreviver ao coração; aquella alma formosa não quiz submetter-se ao fluxo e refluxo das paixões. Envolveu-se certamente em seu ideal, que não era já senão uma mortalha. A maioria das mulheres com tudo se accomodam até com a traição. O amor é para ellas uma jornada em que á noite se muda de hospedaria. Mas para algumas o amor é a alma da

vida. Preferem a solidão do tumulo, para onde levarão suas lembranças queridas, ás alegrias renovadas que são profanações.

Todos nós, mais ou menos, conhecemos Violante — uma apparição na gente bulhenta que anda em carruagens a quatro. Cuidavam muitos que ella viera a Paris por amar Paris e as Parisienses. Mas não conheciam as Venezianas. O amor salva-as do amor. São castas até nas exaltações. É sabido que os pintores venezianos não acharam modelos senão as amantes. E só para pintar madonas, bacchantes nunca. Violante é uma verdadeira veneziana e a Princeza, que a viu em Paris e em Bade, estudou-a bem e bem a comprehendeu na paixão e no arrependimento.

Violante quiz a dignidade da morte.

Uma parisiense recomeçara dez vezes o mesmo romance, uma hespanhola entraria n'um convento, Violante não suppoz que fosse seu coração um campo santo onde sepultasse, um apoz outro, dez amores. Voltou-se para Deus, fez uma cruz sobre o passado e sanctificou-se pelo casamento, — consolação para um pobre rapaz que ella ferira mortalmente e mais repentino arrependimento para ella. Pensou que depois do sacramento do matrimonio teria direito a retomar toda a sua dignidade para receber a extrema-uncção. Assim poderia morrer na penitencia e cheia de santidade.

Pareceu-lhe que o tumulo lhe pareceria menos negro pelo berço. Em seu desespero em Paris, cuidou ali morrer, mas criou animo para voltar a Veneza, rezar defronte das queridas madonas e findar sua agonia no paiz natal, como as lembranças de sua mãe devessem adormentar-lhe as angustias.

Talvez houvesse podido sobreviver ás traições quotidianas do amante, mas aquelle coração de oiro devia morrer ao primeiro insulto de Paulo de Hauteroche. Dissera-lhe elle: «Vê se achas um amor que te faça rica sem que me impeça de amar-te.» O que ella queria era o amor, que não era das que se vendiam. Se elle lhe houvera pedido que trabalhasse, com alegria o houvera feito de dia e noite, que é das almas grandes resignarem-se, dedicarem-se, sacrificarem-se. Mas pedir-lhe que se vendesse, a ella, á altiva Violante!...

Quem lê um jornal, á noite, entre um copo de Chateau d'Yquem e uma taça de vinho de Champagne, olha com certa compaixão para os suicidios dos casos do dia: uma mulher deitou-se ao Sena da ponte das Artes; outra atirou-se das torres de Notre Dame; esta envenenou-se, aquella asphixiou-se; e parecem tão ridiculas as pobres mulheres! E' que a gente não atravessou as angustias d'ellas, é que a gente não sabe das ultimas estações do amor que elles percorreram com a cruz n'uma das mãos e o calix na outra. A infelicidade d'essas desesperadas da paixão é não terem encontrado a egreja em seu caminho. Jesus é consolação para tudo, mas é preciso conhecer Jesus. Violante conhecia-o bem, por isso viveu na sua dôr, não cedendo ás tentações da morte; nova se deitou no tumulo, mas sem dar um passo para apressar a hora extrema; tinha religião de sobejo para deixar de submetter-se ao destino. Quanto mais soffreu, mais sorriu.

A historia d'ella recorda-me duas historias que já contei: a da amante de Giorgione, a formosa Raffella, cuja sepultura é aos pés da d'elle, e a de uma cortezã flamenga dos fins do seculo desaseis, que o pintor Cornille Schut raptou d'uma casa de má nota. Tambem essas duas formosas criaturas morreram do abandono, como rosas que não vêem o sol.

A mulher abandonada pelo marido ergue-se da sua dôr menos por religião que por dignidade. Se tem filhos, está salva: os filhos lhe tomarão conta do coração que soffre para sanctificar-se. A que não tem filhos tem pelo menos a casa, o interior, o lar; aconchega-se com o seu dever para n'elle viver e morrer. Mas a que não tem filhos nem casa, lança-se perdidamente, ao vêr-se trahida, n'um outro amor: e assim vai de queda em queda, sempre atraz da consolação, sem que a consolação possa encontrar. Se não se lança n'um outro amor, lança-se á morte, por odio á luz. Não foi uma só que o desespero matou. Os scepticos berram que é ridiculo, as mulheres que é um escandalo, mas os apaixonados dão-lhes um sorriso e uma lagrima.

As mulheres vivem e morrem de paixão, os homens matam a paixão, mas nunca se matam.

Um homem tem sempre direito de passar d'uma para outra paixão; pelo contrario, a mulher trahida é mal julgada se procura outra aventura: que se estiole e mirre de seu desgosto se quer captar sympathias.

Violante só é um typo porque não quiz sobreviver á paixão; morre do seu amor immorredouro; sensibilisa nos só porque não quiz amar duas vezes; vê se que n'ella a alma domina o corpo com todo seu divinal prestigio. Quando a gente a vê scintillante de força e formosura, desabroxando nas volupias corporeas, não póde crêr que a natureza não fale mais alto do que o coração. Pois será possivel que os olhos lindos côr do Adriatico, os labios vermelhos como as cerejas do Lido se fechem para sempre, quando tantos homens andam em volta d'elles. só esperando um olhar ou um sorriso para se lhe deitar aos pés d'ella? Mas tudo acabou: o romance que ella começára com Paulo de Hauteroche ficará incompleto, porque elle não ha de querer continual-o com outra. — *Aqui jaz uma mulher que soube amar.*

AR-H-YE.

Quem deu o nome ao Labrador?

Sob esta epigraphe publicou o sr. Ernesto do Canto no *Archivo dos Açores* um breve estudo em que pretende reivindicar para os dous illustres portuguezes *Pedro de Barcellos* e *João Fernandes, Labrador*, a gloria d'este ultimo ter dado o seu nome á peninsula norte-americana, antes da descoberta de Colombo.

Vi este curioso trabalho na selecta livraria do sabio e venerando professor bracharense sr. Pereira Caldas, mas não acompanhei de perto a discussão havida sobre este interessante assumpto entre alguns dos nossos mais distinctos escriptores de Lisboa.

Dos documentos citados pelo sr. Ernesto do Canto no *Archivo* se deprehende que *Pedro de Barcellos*, por mandado d'El-Rei D. João II, partiu da ilha Terceira com João Fernandes, Labrador, a *descobrir* nos primeiros mezes de 1492, e, como é sabido, o celebre navegador genovez chegou á America no dia 12 de outubro d'este mes mo anno.

No citado *Archivo* (no ultimo numero d'esta publicação — 1894) vem publicada uma carta d'El-rei D. Manuel, datada de Evora, de 7 de junho de 1508, na qual o venturoso monarcha concede privilegios a Diogo de Barcellos, filho de *Pedro de Barcellos*, pelos serviços que este prestou *no descobrimento do norte.* De modo que d'algum proveito foram para Portugal os trabalhos que padeceu *Pedro* em tal descobrimento, aliás D. Manuel tão avaro na concessão de graças e privilegios, não os concederia ao filho do ousado marinheiro de Barcellos.

Não é, porém, meu intento occupar-me n'este pequeno estudo do ponto capital da questão vertente, isto é, discutir e affirmar a prioridade da descoberta *da terra do Labrador* pelos portuguezes nomeados, antes d'abordar á America Christovam Colombo. A importancia d'este assumpto é intuitiva, como é a pequenez das minhas forças para tal empreza.

Para mim o ponto é ver *Pedro Pinheiro*, ou antes *Pedro de Barcellos*, nome porque é mais conhecido, sobre outro aspecto menos luminoso, mas tambem interessante para a biographia do illustre portuguez, que andou *bons tres annos* a servir El-rei D. João II no seu grandioso plano da nossa epopeia maritima [1].

O distincto escriptor sr. Ernesto do Canto diz no *Archivo dos Açores*, a pag. 366:

«Na *Phenix Angrense* do padre Manuel Luiz Maldonado, no vol. genealogico, apparece um Pedro de Barcellos, filho de Pedro Pinheiro, natural de Barcellos, um dos primeiros colonos da ilha Terceira e de sua mulher Ignez Gonçalves Machado. Ahi se vê que Pedro de Barcellos casou com Joanna Cardoso, filha de Sebastião Cardoso e Catharina Franca, com descendencia na Terceira e S. Jorge.

Sem se poder affirmar a perfeita identidade de Pedro de Barcellos, da demanda, com o filho de Pedro Pinheiro, comtudo attendendo ao tempo e ao logar, torna-se provavel que seja o mesmo.»

Em outro lanço da mesma obra, a pag. 529, accrescenta o erudito escriptor, no final d'uma nota, que o actual representante da familia Barcellos, que teve morgados, é o sr. Francisco de Paula Barcellos.

Vê-se, pois, que esta illustre familia da Terceira descende de *Pedro Pinheiro, natural de Barcellos.*

[1] A phrase — *bons tres annos* — é allegada por *Pedro de Barcellos* nos autos da demanda, que elle houve na Terceira com varios individuos, que lhe disputaram umas terras. Vid. *Archivo dos Açores*, pag. 362.

Quem era este homem?

Tal é a pergunta que me fazem alguns illustrados cavalheiros, e eis a resposta, que, se não é decisiva e completa, esclarece talvez o assumpto de que se trata. Antes, porém, de a expôr, faço reparo n'aquelles *dous Pedros* do linhagista Maldonado. Parece-me que ha um Pedro de mais. O de Barcellos e Pedro Pinheiro deve ser uma e a mesma pessôa, pois já sabemos pelo documento, atraz citado, que o Pedro, mandado por D. João II *a descobrir*, houve um filho de nome *Diogo*, em quem D. Manuel recompensou os serviços do pae, e o avô paterno de Diogo, segundo o presente trabalho, é Alvaro Fernandes de Barcellos.

Manuseando os meus calhamaços, notei algumas contradicções e lacunas no ponto aberto ao meu estudo, e por isso recorri á competencia d'um amigo em trabalhos d'esta especie. O sr. dr. Antonio Miguel da Costa d'Almeida Ferraz, de Barcellos, o qual junta á nobreza herdada a illustração propria, revelada em trabalhos de paciente investigação, honrou-me com a carta schema, que gostosamente publico:

«... *meu presadissimo amigo.*

«É tempo de dar conta a v. dos meus trabalhos de investigação genealogica, a proposito de *Pedro de Mariz Pinheiro*, o supposto descobridor, juntamente com João Fernandes. Lavrador, da peninsula norte-americana, em abril de 1492. Guiado apenas pelos appellidos de familia, tratei de ler no Nobiliario do Gayo e ainda em outros que possuo, os titulos de *Madrizes, Pinheiros, Barcellos, Marizes* e *Farias*.

«No primeiro nada vi que esclarecesse o assumpto em questão, a não ser aquillo que v. conhece. Outro tanto direi dos titulos de *Farias* e *Barcellos*.

«Em Pinheiros encontrei um *Pedro de Mariz Pinheiro*, que foi 3.º neto de Alvaro Pinheiro, de Pou [1] o qual embora tenha o mesmo nome, não pode ser o nosso *Pedro de Barcellos*, porque sendo irmão de um *Paulo de Mariz Pinheiro*, e tendo este vivido no seculo 17.º, pois nasceu em 1601, é muito posterior áquella data da descoberta (1492).

«Passei ao titulo de *Marizes*, e ahi creio ter sido um pouco mais feliz, porque consegui descobrir um *Pedro de Mariz*, que bem podia ter sido o companheiro de João Fernandes, Lavrador.

No Schema, que tenho a honra de enviar a v., verá a plausibilidade do que deixo affirmado. É verdade que Felgueiras Gayo, tratando da descendencia de Fernão Affonso de Mariz, que *diz ter possuido n'este reino uma pequena casa*, e foi casado com D. Filippa d'Azevedo, apenas lhe menciona dois filhos: — Nuno e Lopo Fernandes de Mariz; mas é certo que teve ainda um terceiro, cujo nome o Gayo ignorava, pois que em outro § do mesmo titulo diz:

«D. Camilla de Mariz, filha de... e sobrinha de Nuno Fernandes de Mariz e de Lopo Fernandes de Mariz, casou em Barcellos com Alvaro Fernandes, natural d'esta villa, de quem teve: João Fernandes ou Alvares de Mariz, etc.»

É, pois, positivo que um dos paes de D. Camilla de Mariz era irmão d'aquelles Nuno e Lopo de Mariz.

Foi nos descendentes d'esta senhora que eu encontrei um *Pedro de Mariz*, de quem o Gayo nenhuma noticia nos dá, não obstante conhecer bem seus irmãos — *João, Manuel* e *N... de Mariz*, de quem refere a descendencia até seus netos.

Mas por ventura este *Pedro de Mariz* será o celebre *Pedro de Mariz Pinheiro*, a que allude o *Archivo dos Açores*?

É possivel que não seja; mas eu nenhuma repugnancia tenho em acreditar que é, pelo menos emquanto não tiver provas em contrario.

Em primeiro logar, o facto de Felgueiras Gayo não dizer o destino d'este *Pedro de Mariz*, conhecendo aliás muito bem seus irmãos e esposas, filhos e netos, não auctorisa a presumpção de *Pedro* ter abandonado, ainda moço, a patria e a fa-

[1] Este Alvaro Pinheiro, alcaide-mór de Barcellos, a quem o poeta Diogo Bernardes fez versos, era filho do dr. Pedro Esteves, da Casa Solar e morgado de Pouve, a cuja familia pertencia D. Ignez Pires, mãe do 1.º duque de Bragança. O dr., parente e afilhado do condestavel Nun'Alvares Pereira, cavalleiro d'Aviz e da casa d'el-rei D. Duarte e ouvidor do Duque, foi casado com D. Izabel Pinheiro, e fundaram a Casa Solar dos Pinheiros de Barcellos em 1448.

N'ella se vê, no alto da torre do sul, uma cara de homem com a mão direita nas barbas — allusão ao *barbadão* dos Braganças. Ao 1.º Duque deixou João Esteves, irmão mais velho do dr., *cem dobras de ouro*, como consta da instituição do morgado de Pouve, do 1.º de dezembro de 1453.

Representa actualmente as familias das casas solares de Barcellos e Pouve a sr.ª D. Maria Julia Falcão Pinheiro d'Azevedo Bourbon e Menezes.

milia, para emprehender talvez uma viagem de que não mais voltou ao reino?

Procedendo elle d'uma familia illustre, mas pobre, não é tambem provavel que tentasse fortuna pelas viagens, mórmente n'uma epocha, em que tanto se pensava na colonisação dos archipelagos da Madeira e dos Açores, recentemente descobertos?

Os filhos de seus irmãos *João* e *Manuel de Mariz* não foram uns para Gôa e outros para diversos pontos da India, onde viveram e constituiram familia? E não seria o exemplo do tio que os incitou a tão longas viagens?

Do que ninguem poderá duvidar é que este *Pedro de Mariz* podia ser vivo ahi por 1492, anno em que Colombo chegou á America; porque é a epocha em que viveram seus tios Nuno e Lopo de Mariz, e pelo computo que fiz, creio mesmo que o Pedro tivesse então de 30 a 40 annos. Poderão, finalmente, objectar-me que *Pedro de Barcellos* se chamava *Pedro de Mariz Pinheiro*, e o de que venho fallando não apparecer no Gayo com este ultimo appellido, nem mesmo o acharmos em seus ascendentes directos; mas responderei que tal omissão não invalida de modo algum a hypothese de *Pedro de Mariz* ser o *Pedro de Mariz Pinheiro*, da Terceira, porque esse appellido talvez lhe viesse por um dos seus avós maternos, cujo nome o Gayo ignorava.

Eis, meu bom amigo, o que a tal respeito pude averiguar nas poucas horas consagradas ao estudo de tão interessante como difficil assumpto. E como é grande o empenho que tenho no descobrimento d'esta gloria para Barcellos, peço a v. que continue a confiar-me as suas noticias, que por ventura for colhendo, e que possam auxiliar-nos na solução d'este difficil problema.

Sou, etc.,

Barcellinhos, 7-3-1899.

Antonio Miguel da Costa d'Almeida Ferraz.

Por ultimo agradeço muito ao meu illustrado amigo sr. dr. Antonio Ferraz o seu interessante estudo, que ahi fica transcripto, feito com luminosa critica, que leva ao espirito do leitor a maxima probabilidade, e direi até a certeza, emquanto não vir provas em contrario, de ser uma e a mesma pessôa o *Pedro de Mariz*, do nobiliario do Gayo, e o *Pedro de Barcellos*, da Terceira.

Favorece muito a argumentação do sr. dr. Antonio Ferraz o nome que elle cita de *Pedro de Mariz Pinheiro*, homonymo do celebre navegador da Terceira, embora aquelle vivesse muito tempo depois d'este; porque isto indica a observancia do uso e costume das familias fidalgas honrarem assim a memoria dos seus parentes distinctos.

É certo que houve alliança entre os Marizes e os Pinheiros de Barcellos, posterior á data de 1492; mas tudo leva a crer que já eram parentes *por um dos avós de Pedro de Barcellos*.

Este que era portuguez de lei, e andou *bons tres annos a descobrir*, por mandado d'El-rei D. João II, morre esquecido e talvez tão pobre como partiu de Barcellos; ao passo que *muytos uinham pera estes reynos cobertos de oução (lendeas), e se iam ao despois todos agalanados e mui paraltas*, como resa a chronica, o que bem pode dizer-se tambem de *certos paraltas* da nossa desgraçada politica partidaria.

Casa do Vinhal, junho de 1899.

Jose d'Azevedo e Menezes.

Segue o Schema a que se faz referencia na carta transcripta.

Obras genealogicas (32 vols.) de Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, existentes no Archivo da Santa Casa de Misericordia da Villa de Barcellos

TITULO DE MARIZES § 1.º N.º 4

Affonso Nunes de Mariz
D. Maria Esteves

Nuno Affonso de Mariz
D. Urraca Gomes

Fernão Nunes de Mariz
D. Marinha Pires Pantoja

Gonçalo Nunes de Mariz
D. N. . . . . .

Com geração em Castella

Lopo Fernandes de Mariz
D. Thereza de Zavallos

Nuno Lopes de Mariz
D. Maria de Ayalla

Affonso Nunes de Mariz (o primeiro d'este appellido que veiu para Portugal)
D. Maria Carrilho

Nuno Affonso de Mariz (1395-1433)
Morreu na batalha de Montiel

Fernão Affonso de Mariz (possuiu n'este reino uma pequena casa)
D. Filippa d'Azevedo

Nuno Fernandes de Mariz (1476)
D. N. . . . . .

Este Nuno Fernandes de Mariz foi governador do Porto no tempo de El-rei D. João 1.º, que lhe deu o reguengo do Ulmar, junto a Leiria e umas casas no Porto. N'esta cidade teve tambem a capella de N. Senhora das Neves em S. Domingos.

Lopo Fernandes de Mariz
D. Catharina de Madriz Pinheiro (Ponte do Lima)

C. g. em Barcellos
Lopo Fernandes de Mariz esteve em Tóro com homens e cavallos á sua custa, como consta d'um instrumento, que tirou um bisneto, Fernão Affonso de Mariz, quando foi para a India, e o qual estava na nota de Ambrozio Pereira, tabellião que foi em Barcellos.

N... de Mariz
N... (Pinheiro?)

Felgueiras Gayo não diz o nome d'este filho de Fernão Affonso. Refere apenas que D. Camilla de Mariz era sobrinha de Nuno e Lopo Fernandes de Mariz.

D. Camilla de Mariz
Alvaro Fernandes de Barcellos

João Alvares de Mariz
D. Anna Rebello

Manuel de Mariz
D. Isabel Gomes Pereira

Pedro de Mariz (Pinheiro?)

N... de Mariz (Ribeiro da Pena)
D. N. . .

André de Mariz (Gôa)
D. N...

Pedro Rebello de Mariz
Morreu solteiro

Balthazar Rebello de Mariz
D. N...

Manuel de Mariz (clerigo)

Simão de Mariz (na India)
D. N...

Gaspar de Mariz

André de Mariz (clerigo)

D. Isabel de Mariz

C. g. nas Indias de Castella

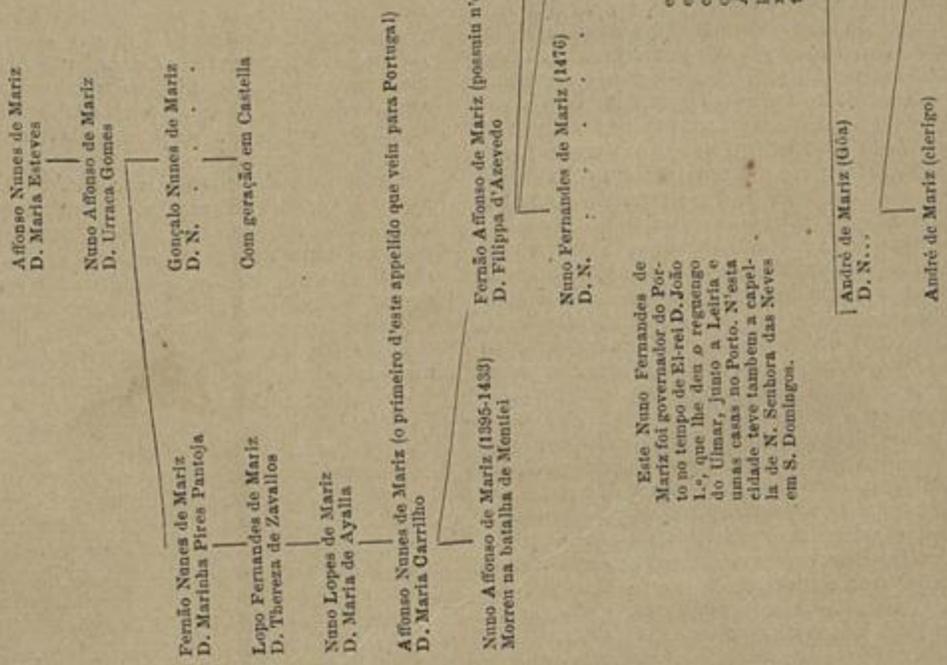
C. g. na India

Antonio Miguel da Costa d'Almeida Ferraz

Recebemos e agradecemos:

Centro Caixeiral — (Orgão da referida sociedade) — *Edição especial — Maranhão — 1899.*

Passando no dia 2 de março ultimo o nono anniversario d'esta utilissima associação que tantos serviços presta á classe dos caixeiros maranhenses, a directoria publicou o presente numero especial em que se patenteia, de envolta com varios artigos de congratulação, o estado da sociedade, a sua boa administração e se estimula o seu progressivo desenvolvimento.

E' um documento que muito apreciámos.

Iride — *rivista d'arte — Directtore Avv. G. Conrado — Spezia — Anno III. N.os 34 e 35 — Marzo e April de 1899.*

Esta elegante revista italiana continua apresentando-se muito distincta. Entre os artigos do seu ultimo numero distinguimos os seguintes: de — Tullio Ortolani — *Il riso;* de Giannino Antona-Traversi — *La scuola del marito;* de Emilio Bertana — *Arcadia lugubre e preromantica;* de Antonio Cippico — *Notturnino;* de Camille Maryx — *La Clepsydre* e de Enrico Carrara — *A proposito d'ell «Ora e Sempre.»*

Insere tambem na sua bibliographia uma delicada referencia ao Occidente e ao *Diccionario das Seis Linguas*, que a nossa empreza está publicando.